

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



ÂNFORAS ROMANAS DE ÉPOCA IMPERIAL DE MONTE MOLIÃO (LAGOS): AS DRESSEL 20

Catarina Viegas / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / c.viegas@fl.ul.pt

Ana Margarida Arruda / UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / a.m.arruda@fl.ul.pt

RESUMO

As ânforas Dressel 20 recolhidas em Monte Molião são numerosas, variando tipologicamente de acordo com a própria cronologia de ocupação do sítio (séculos I e II). Estão presentes quer as de tamanho normalizado quer as *parvae*. Se bem que muitas delas tenham sido encontradas em níveis de deposição secundários, um grupo considerável foi recuperado num contexto homogéneo, o que permitiu um estudo integrado, também no que se refere à sua própria utilização, bem como à do produto que transportaram, uma vez que esse contexto está associado a uma unidade doméstica de produção de preparados de peixe.

ABSTRACT

The Dressel 20 amphorae found at Monte Molião are numerous, varying typologically according to the roman chronology of site (1st and 2nd centuries AD). Are present in the standard size and in the *parva* variant. Many of them have been found in revolved levels, but a considerable group was recovered in a homogeneous context, which allowed an integrated analysis, considered its use and re-use, considering this context is directly linked to a domestic unit of fish sauce production.

1. INTRODUÇÃO: LOCALIZAÇÃO E OCUPAÇÃO

As escavações arqueológicas efectuadas em Monte Molião (Lagos) entre 2006 e 2011 decorreram no quadro de um protocolo que a Câmara Municipal de Lagos, a Faculdade de Letras de Lisboa e o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) assinaram com vista ao estudo daquele sítio localizado no litoral ocidental do Algarve (Figura 1.1). Os trabalhos de campo permitiram recolher um abundante conjunto de dados sobre as suas ocupações antigas, que está consubstanciado em estruturas e materiais cronologicamente balizados entre o século IV a.n.e. e a 2^a metade do século II (Arruda, Sousa, Bargão e Lourenço, 2008; Arruda e Pereira, 2010; Arruda, Sousa e Lourenço, 2010; Arruda, Viegas e Bargão, 2010; Arruda e Sousa, 2012). Mais tarde, no finais do século IV/inícios do V, o sítio volta a ser visitado, ainda que os vestígios materiais desse momento sejam diminutos, sobretudo se os compararmos com os anteriores, não sendo visíveis quaisquer constru-

ções, o que evidencia uma ocupação consideravelmente ténue (Arruda, Viegas e Bargão, 2010).

2. AS ÂNFORAS ROMANAS DE MONTE MOLIÃO

2.1. O conjunto

As ânforas de Monte Molião totalizam 1136 indivíduos, das quais 400 são datadas do Alto Império, integrando-se duas em momentos tardios da ocupação romana, século IV/V.

São diversificadas quanto à origem, mas a Bética constituiu-se como o centro abastecedor por excelência, sobretudo no alto império (94,5%), ainda que outras áreas também tenham contribuído para o provimento de produtos alimentares a Monte Molião, concretamente o Norte de África (0,27%), a Gália (3,25%) e mesmo a Lusitânia (1,90%) (Figura 2.1).

No que diz respeito às importações da província senatorial, deve ainda dizer-se que estas são oriundas quer da área costeira (sobretudo baía de Cádiz) quer dos vales do Guadalquivir e do Genil. Neste último

caso, e para além das ânforas (Haltern 70 e Dressel 20) outros recipientes também chegaram a Monte Molião, nomeadamente os alguidares e os *dolia*.

Neste trabalho, optámos por tratar apenas um único tipo anfórico com origem no vale do Guadalquivir/Genil – a Dressel 20, uma vez que a natureza diversificada da totalidade do conjunto anfórico, quer no que se refere às áreas exportadoras quer quanto à cronologia, levanta problemáticas excessivamente vastas, cuja discussão merece um espaço que não é compatível com o que foi disponibilizado para este trabalho. Por outro lado, um número muito significativo destes contentores béticos foi recolhido num único contexto muito homogéneo, e ao qual pode ser atribuída uma cronologia segura, bem como uma funcionalidade específica, que importa analisar numa óptica muito concreta. Trata-se, neste caso concreto, dos Compartimentos 5 e 6, cujo desabamento das suas paredes “enterrou” espólios, que surgem cobertos pelas camadas de derrubes, e onde se identificaram dois tanques destinados a preparação de produtos piscícolas (Figuras 1, 2 e 3).

2.2. As ânforas Dressel 20 de Monte Molião

Em Monte Molião, as ânforas de tipo Dressel 20 assumem um particular destaque, quer quando comparadas com as restantes recuperadas no sítio, inclusivamente no conjunto das importações do Guadalquivir, concretamente frente às Haltern 70, quer em termos absolutos. De facto, o seu número, 143, constitui uma excepção no território português, mesmo atendendo à área escavada (800 m²).

São, como dissemos, 143 indivíduos, ainda que se repartam por diversas variantes de acordo com os seus parâmetros cronológicos. Correspondem a 38,8% das ânforas do alto império, o que constitui uma percentagem muito elevada quando comparada com a que se obteve para os núcleos urbanos do Algarve Oriental - em Castro Marim, Balsa e Faro, a percentagem de Dressel 20 é bastante menor: 16,7%, 10,5% e 19,5%, respectivamente (Viegas, 2011).

As que se inserem em formas mais antigas são escasas (dez), cabendo a grande maioria no tipo B de Berni (1998: p.30) (Fig. 2, nºs 1-7). A cronologia habitualmente proposta para este tipo, primeiras quatro décadas do século I, não é passível de ser discutida com os dados das escavações de Monte Molião, atendendo ao facto de os nossos fragmentos parecerem ser residuais nos níveis em que foram recuperados (datados entre a dinastia Flávia e o reinado de Trajano).

Não pode contudo deixar de se referir, desde já, que alguns deles caberiam também em outras formas ovóides produzidas no Guadalquivir, concretamente na Oberaden 83 ou mesmo na Classe 67, distinção impossível de concretizar tendo em consideração a escassa dimensão dos exemplares em análise.

Um outro grupo ligeiramente mais tardio (Figura 2, nºs 8-17), mas ainda escasso em termos numéricos em Monte Molião, é constituído por bordos que entram facilmente no grupo das Dressel 20 clássicas, tipo I de Berni (2008: p. 59). São ânforas júlio-cláudias, datadas entre 30 e 50, com bordo de secção circular, côncavo, e engrossado externamente e asa de secção circular. Os contextos de recolha em Monte Molião são quase todos de revolvimento e aterro (UEs 0, 75, 85). As que apareceram em níveis conservados são raras (Figura 2, nºs 11, 12, 17), e podem corresponder a materiais residuais correspondentes a uma fase muito mal documentada no sítio, pelo menos nas áreas escavadas, sobretudo no que se refere a estruturas construídas.

A grande maioria das Dressel 20 cabe contudo no que corresponde à chamada Etapa Flávio-Trajana da produção, datada de 80/130 (Figura 3, nºs 1-16 e 4, Figura 4, nºs 1-8). Com efeito, as características dos bordos e dos lábios (planos e virados para o interior), o desenho das asas, a sua implantação e a dimensão do espaço inter-ansal, bem como a altura dos colos apontam nesse sentido (Martin Kilcher, 1987; Berni, 1998, 2008). Surgiram quer em tamanho normal, quer na variante *parva* (Figura 3, nºs 10-16, Figura 4, nºs 3-5), sendo surpreendente os valores elevados que estas últimas alcançam no conjunto, ao contrário do que costuma acontecer em outros locais, onde são sempre muito minoritárias (Berni, 1998: p. 36).

A importação de azeite bético prolongou-se, ainda que em menor quantidade, até à última década do século II, como ficou evidenciado pela presença de alguns bordos de ânforas de tipo Dressel 20 (Figura 4, nºs 9-16) que pudemos enquadrar no tipo IV de Berni, no que corresponde à sua Etapa Antonina (2008: p. 61). É de facto o que podemos deduzir do perfil dos bordos, que apresentam lábio triangular, já que não foi possível ligar nenhum deles às muitas asas, fundos e fragmentos de colo e bojo com pastas características do Guadalquivir, e que podem, indistintamente, integrar qualquer dos tipos de Dressel 20.

2.3. A epigrafia

Entre o conjunto de Dressel 20 do Monte Molião, regista-se quatro marcas, todas *in ansa*, sendo a di-

recção directa e o relevo em *litt. extantibus*. Das delas permitem leitura: LMA (Ceipac nº 1113, Berni, 2008, p. 579) e SERAVT (Ceipac nº 2292, Berni, 2008, p. 603) (Figura 4, nº 17 e 18), desconhecendo-se, contudo, qual a *figlina*, do Vale do Guadalquivir, de onde são originárias. Infelizmente as restantes duas encontram-se truncadas, deixando apenas ler a primeira letra do nome que aí se encontraria. Num dos casos trata-se de um L (Mola nº 10190) e no outro de um B (Mola nº 14076).

Fig. 4, nº 17: Nº inv. 20830; Ceipac nº 1113; Forma: Dressel 20; Marca: LMA; Leitura: L. M() A(); Local: *in ansa*; Direcção: directa; Relevo: *litt. Extantibus*; Observações: forma IV (Remesal 1986: 162); Figura 4, nº 18. Nº inv. 20829; Ceipac nº 2292; Forma: Dressel 20; Marca: SERAVT; Leitura: Ser(viana, -viliana) Aut(); Local: *in ansa*; Direcção: directa, Relevo: *litt. Extantibus*.

3. O PEIXE NO AZEITE: OS CONTEXTOS E O SEU SIGNIFICADO

As ânforas Dressel 20 recolhidas em Monte Molião merecem ainda ser discutidas de acordo com os contextos específicos em que foram encontradas.

Como já referimos antes, as que se integram nos tipos antigos (B e I de Berni) apareceram todas descontextualizadas, quer em níveis de revolvimento e/ou aterros quer em estratos datados do reinado dos Flávios/Antoninos, o que lhes impõe, neste caso, uma condição residual. O mesmo se passa com as que incluímos no tipo IV da mesma tipologia.

Mas um grupo muito significativo, em termos numéricos, das que correspondem à chamada Etapa Flávio-Trajana (quer as de tamanho convencional quer as *parvae*) surgiu no que pode considerar-se um mesmo contexto (UEs 108, 117, 121, 131, 133) que corresponde ao ciclo de utilização e abandono dos Compartimentos 5 e 6. Foi nesta área do sector A que se detectaram os exemplares mais completos, com grandes partes do corpo fragmentadas *in situ* (Figura 5, nº 1 a 3), parecendo importante referir, desde já, que num desses compartimentos, o 6, foi possível escavar uma cetária e limitar boa parte de outra, bem como uma área pavimentada a *opus signinum*, que certamente constituiu o pátio/plataforma de laboração dessa unidade produtiva de preparados de peixe (Figura 1, nº 3; Figura 4, nº 4).

Importante parece ser mencionar que uma das Dressel 20 de pequeno tamanho estava depositada no

interior de uma das duas cetárias identificadas no Compartimento 6 (Figura 5, nº 4; Figura 4, nº 2). Refira-se ainda que não estava inteira, mas que foi possível recuperar todos os seus fragmentos, incluindo o seu opérculo (Figura 4, nº 2). Muitas outras, quer as que se encontravam no interior desse compartimento quer as identificadas no que lhe estava anexo, o Compartimento 5, estavam também fracturadas *in situ*, tendo-se verificado que o seu interior, concretamente o corpo, continha abundantes restos ictiológicos misturados com um sedimento esbranquiçado, idêntico ao que se recuperou no interior das cetárias, no que constitui, certamente, *garum*, ou outro qualquer produto similar (Figura 5, nº 5).

Por outro lado, muitas das ânforas recolhidas neste mesmo contexto mostram evidentes sinais de o seu colo ter sido separado do corpo propositadamente. Os “levantamentos” que tiveram origem no impacto do instrumento (cinzel?) que produziu o corte são bem visíveis em alguns casos. Esta realidade não é inédita e foi já descrita para fenómenos relacionados com a reutilização deste mesmo tipo de contentores (Martin-Kilcher, 1987: 177), mesmo que outros métodos, como a utilização de uma serra, tenham sido também já identificados (Peña, 2007: p. 121-123). A verdade é que a reutilização de ânforas para armazenar produtos alimentares distintos dos originais implicou muitas vezes a sua modificação física, caso que cabe no tipo C de Peña (2007: 10). Nessa reutilização para produtos distintos, as ânforas Dressel 20 tinham a grande vantagem de não serem pesgadas, ainda que a remoção dos resíduos da sua utilização primária pudesse condicionar essa reutilização (*Ibidem*: p. 70). Contudo, o uso de ânforas oleárias para embalar produtos piscícolas foi já documentado, bem como aliás o contrário (*Ibidem*). O peixe e o azeite parecem pois ser compatíveis em várias circunstâncias. Cabe ainda dizer a este propósito que há dados que permitem levantar a hipótese de, em Monte Molião, ambas as partes das ânforas que foram cortadas terem sido utilizadas. Se a identificação de restos ictiológicos no interior do corpo de algumas não deixa muitas dúvidas sobre o seu destino final, a permanência, no mesmo contexto, dos colos (Figura 3, nº 1 a 3), a que, pelo menos em um caso (Figura 3, nº 3), foi suprimido o bordo, permite equacionar a possibilidade de o uso destes colos como funis, facto já comprovado em outras geografias (*Ibidem*: p. 148).

Parece ainda importante referir, no entanto, que o conteúdo das ânforas Dressel 20 pode também ter

sido usado na própria elaboração do produto piscícola que foi manufacturado no compartimento 6. Por outro lado, sabemos que a adição de azeite aos preparados de peixe de época romana foi uma prática comum, e o facto de em Monte Molião a produção do preparado piscícola estar relacionada com uma área habitacional permite defender, para este caso concreto, essa prática.

De qualquer forma, a verdade é que a associação de ânforas oleícolas, concretamente de Dressel 20, a fábricas de produtos piscícolas é conhecida, inclusivamente no território actualmente português, para onde há dados por exemplo na Casa do Governador, em Belém, Lisboa (Filipe, 2011, p. 49). Nas áreas onde a produção de pastas de peixe é inexistente, as importações hispânicas dos dois produtos alimentares estão sempre representadas em proporções muito semelhantes, sobretudo se tivermos em consideração as capacidades das duas ânforas que os transportaram – Dressel 20 (60 a 70 litros), Dressel 7 (14-18 litros) (Ejstrud, 2005).

Por fim, resta-nos chamar a atenção para a importância da confirmação do fabrico no Algarve de produtos piscícolas em época romana relativamente antiga, facto que era já intuído para o Algarve ocidental (Ramos, Almeida e Laço, 2006), mas que nunca tinha sido confirmado arqueologicamente a não ser justamente em outra área de Monte Molião (Bargão, 2010), onde dois tanques associados a espólios Flávio-trajanos foram identificados e escavados. Por outro lado, esta mesma produção documenta-se num tipo de estrutura relativamente rara, uma vez que não se desenvolve de acordo com o modelo mais comum, uma unidade produtiva com vários tanques, distribuídos em torno de um pátio, mas trata-se de dois pequenos tanques, de escassa capacidade, com pequena área pavimentada a *opus signinum* anexa, que constitui o pátio/plataforma de laboração. Esses tanques estão, aparentemente, relacionados com uma área habitacional. Assim, estaremos perante uma produção de carácter doméstico e não a uma outra destinada à exportação regional, como parecem ser os casos das unidades reconhecidas no restante Algarve, à excepção talvez do verificado também em Cerro da Vila, concretamente nos edifícios E e F (Teichner, 2008, p. 248 e 248 e 366).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, R. (2008) – *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios*. Barcelona, Universitat de Barcelona. *Collecció Instrumenta*, 28.

ARRUDA, A. M. e PEREIRA, C. (2010) – Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana. *Xelb* 10: 695-716.

ARRUDA, A. M. e SOUSA, E. (2012) – Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). *SPAL*, 21, p. 93-133.

ARRUDA, A. M., SOUSA, E. e LOURENÇO, P. (2010) – A necrópole romana de Monte Molião (Lagos). *Xelb* 10: 267-283.

ARRUDA, A. M., SOUSA, E., BARGÃO, P. e LOURENÇO, P. (2008) – Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso. *Xelb*, 8, 1, p. 137-168.

ARRUDA, A. M., VIEGAS, C. e BARGÃO, P. (2010) – A cerâmica comum de produção local de Monte Molião. *Xelb*, 10, p. 285-304.

BARGÃO, P. (2010) – Monte Molião *cetariae* (Lagos, Portugal). In *Acta 41 Rei Cretariae roman Fautorum*. Bona: Rei Cretariae roman Fautorum, p. 345-351.

BERNI, P. (1998) – *Las ánforas de aceite de la Bética y su presencia en la Cataluña romana*. Barcelona: Universitat.

BERNI, P. (2008) – *Epigrafia anfórica de la Bética. Nuevas formas de analisis*. Barcelona: Universitat. *Collecció Instrumenta*, 29.

BERNI, P. (2011) – *Tipología de la Haltern 70 bética. Ânforas romanas de Lugo*. In Carreras, C.; Morais, R.; González Fernández, E. (coords.). *Traballos de Arqueoloxía*, 3. Lugo: 80-107.

EJSTRUD, B. (2005) – *Size Matters: Estimating Trade of Wine, Oil and Fish-sauce from Amphorae in the First Century AD*. In Bekker-Nielsen (ed.) *Ancient Fishing And Fish Processing In The Black Sea Region*. Langelandsgade: Aarhus University Press.

FILIFE, I. M. B. (2011) – *Casa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana*. Dissertação de Mestrado apresentada à FL-UL. Edição policopiada.

MARTIN-KILCHER, S. (1987) – *Die Römischen Amphoren aus Augst und Kaiseraugst. Ein Beitrag zur römischen Handels- und Kulturgeschichte. 7.1. Die südspanischen Ölamphoren*. Augst.

PEÑA, J. T. (2007) – *Roman pottery in the archaeological record*. Cambridge: University Press.

RAMOS, C, ALMEIDA, R. e LAÇO, T. (2006) – O complexo industrial da Rua Silva Lopes (Lagos). Uma primeira leitura do sítio e análise das suas principais problemáticas no quadro da indústria conserveira da Lusitânia meridional. *Setúbal Arqueológica*, 13, p. 83-100.

TEICHNER, F. (2008) – *Zwischen Land und Meer – Entre tierra y mar. Studien zur Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungen im Süden der römischen Provinz Lusitanien*. Studia Lusitana 3. Mérida: Museo de Arte Romana.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ.

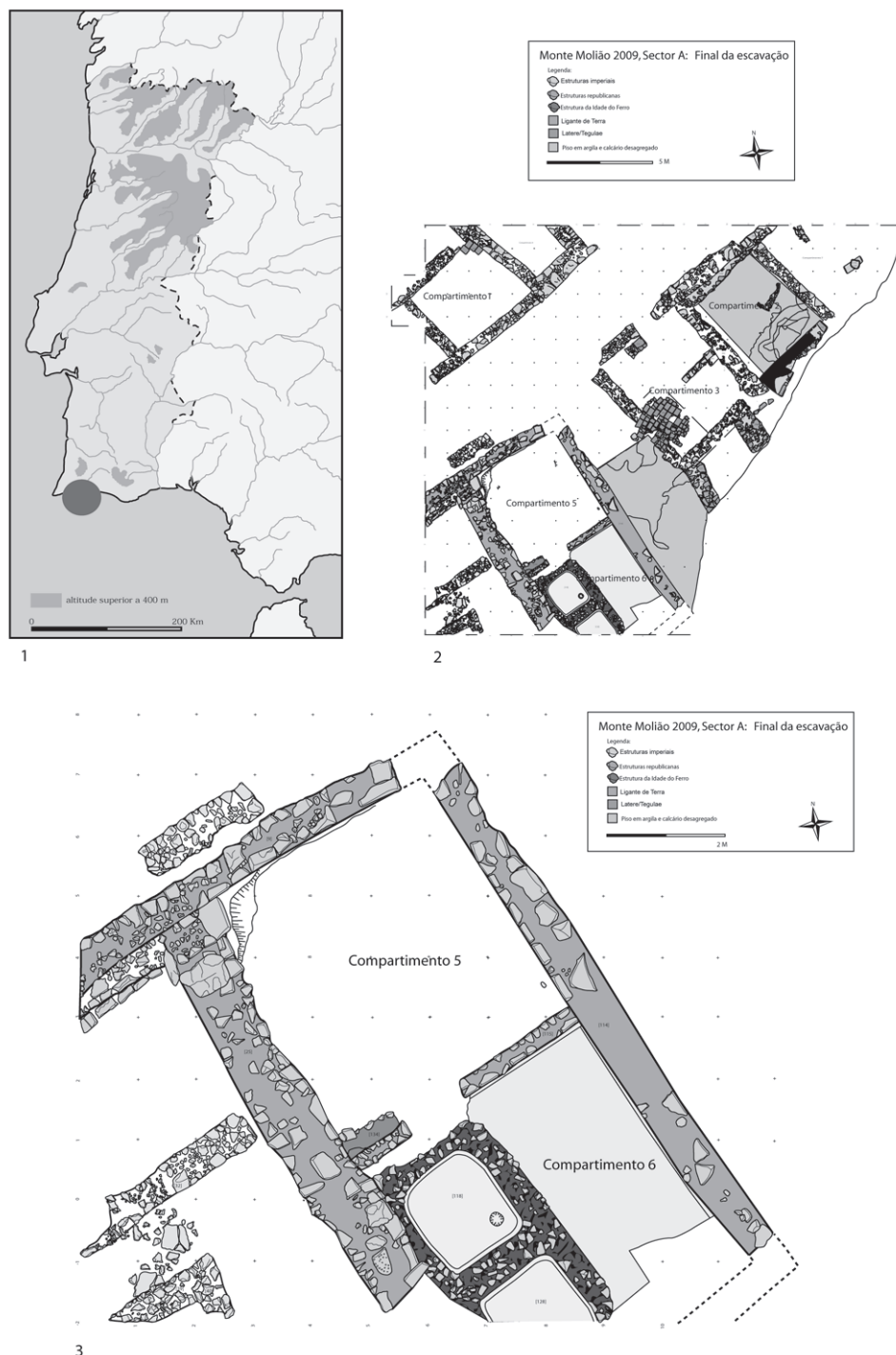


Figura 1 – Monte Molião no território português; 1.2 – Sector A, no final da escavação de 2009; 1.3 – Planta dos compartimentos 5 e 6.

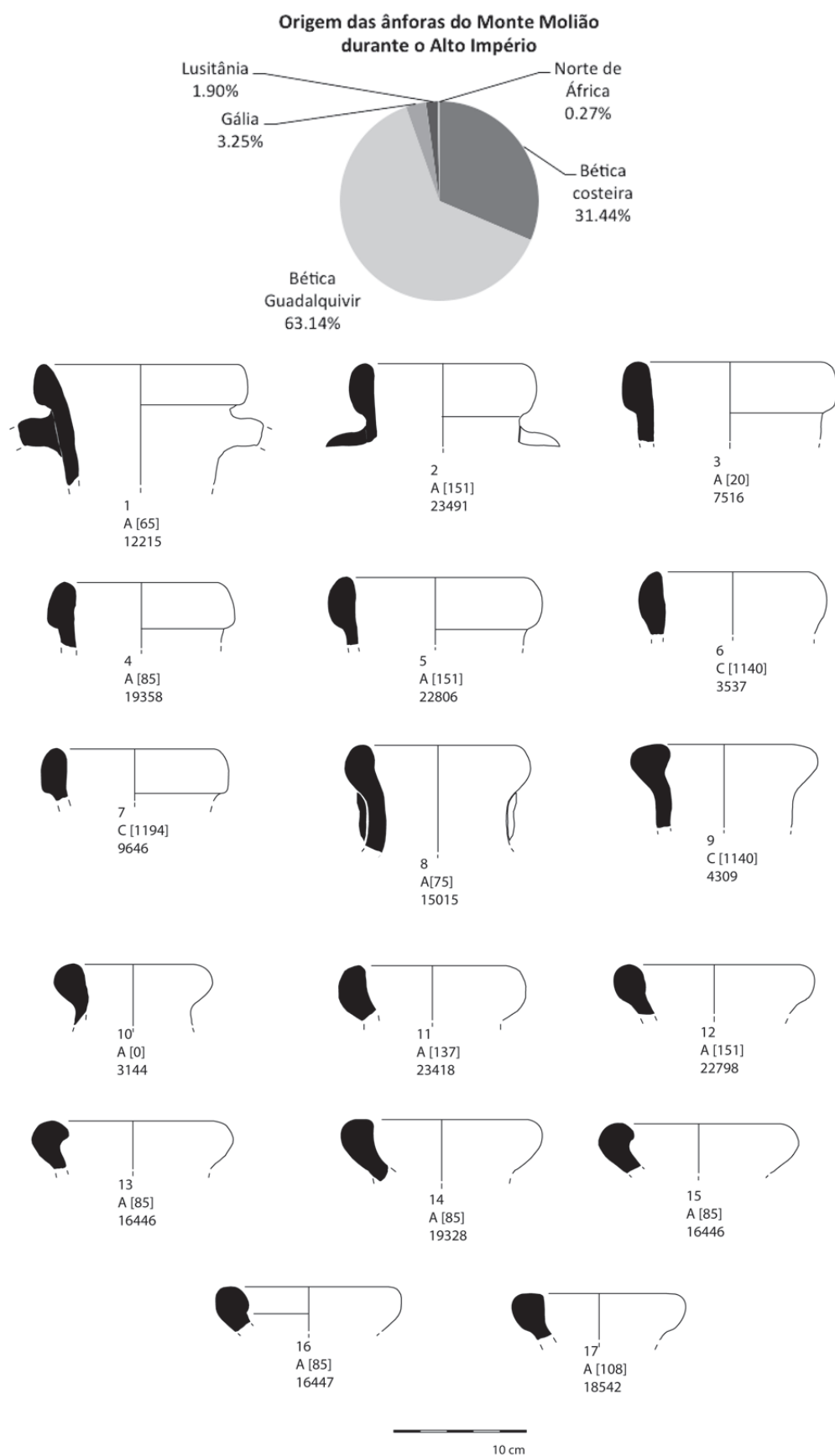


Figura 2 – Distribuição percentual da origem das ânforas de Monte Molião durante o Alto –Império. N^{os} 1 a 7– As ânforas oleárias antigas; n^o 8 a 17 Dressel 20 Júlio-cláudias.

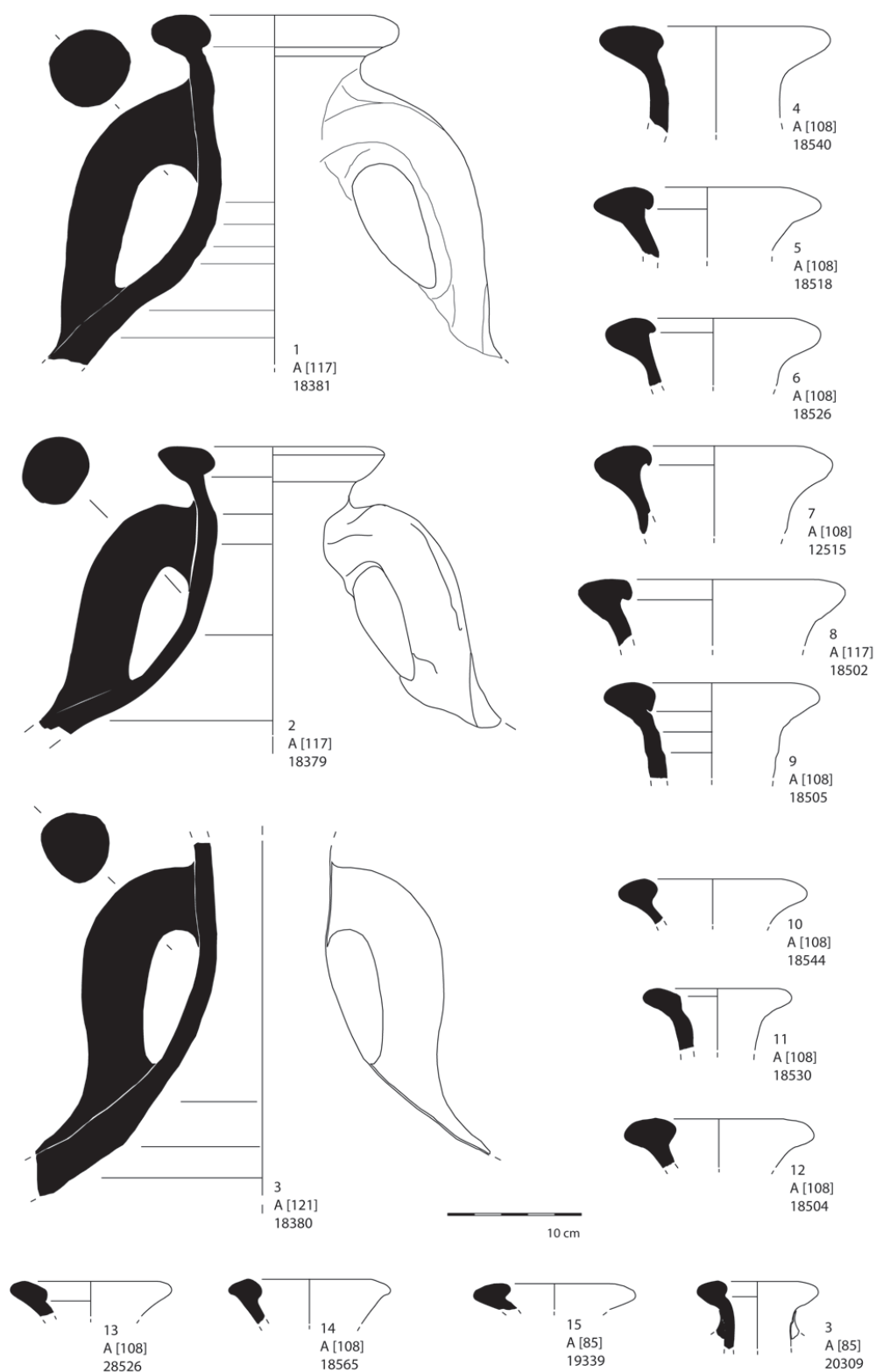


Figura 3 – As ânforas Dressel 20 Flávio-trajanas das UE 108, 117, 121. Nº 1 e 2 – bordos e colos, nº 3 colo de onde foi removido o bordo. Variantes Flávio Trajanas nº 4-9, versão *parva* nº 10-16.

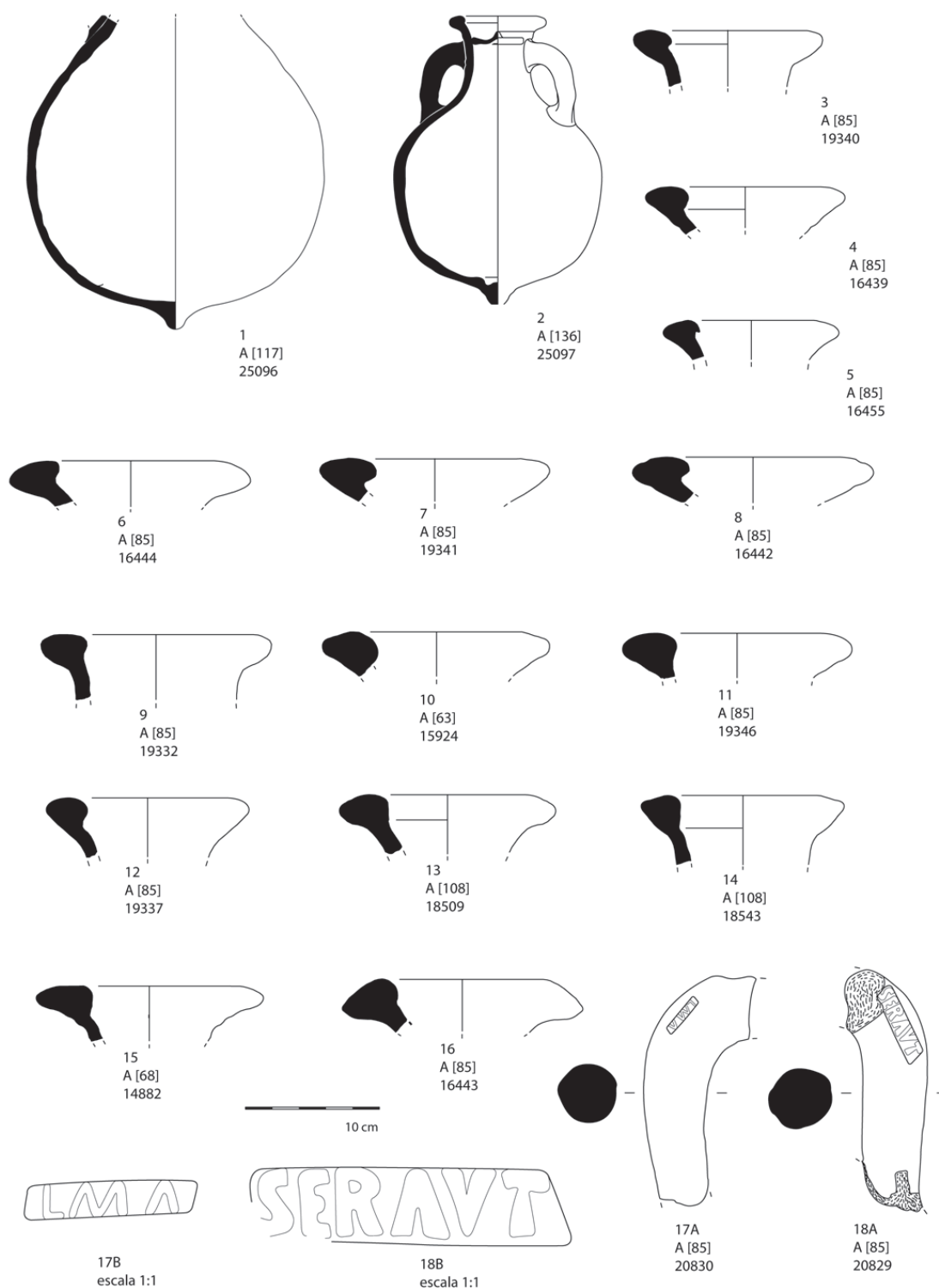


Figura 4 – nº 1 Corpo de Dressel 20 do compartimento 5, reutilizado; nº 2 Dressel 20 *parva* com opérculo, do interior da cetária; nº 3 - 8 Dressel 20 Flávio-trajanas; nº 9 a 16 Antoninas; nº 17 e 18 marcas de oleiro.



1



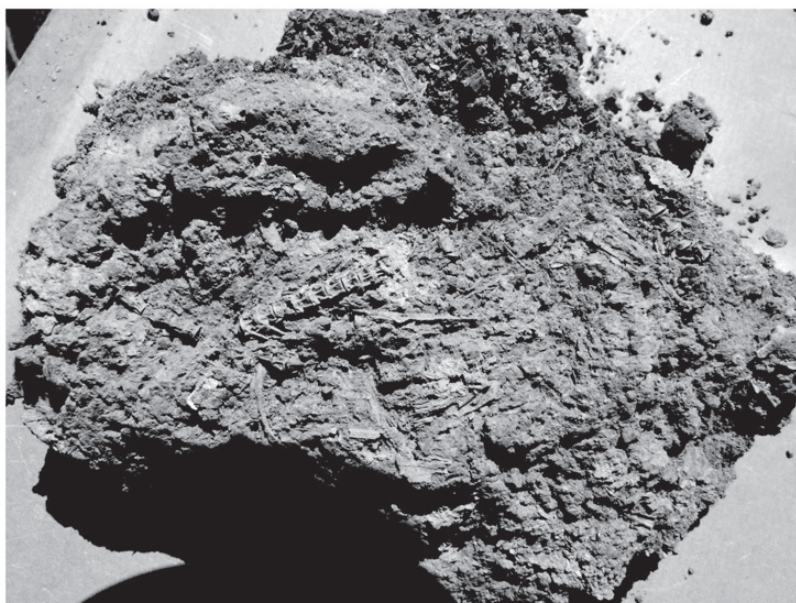
2



3

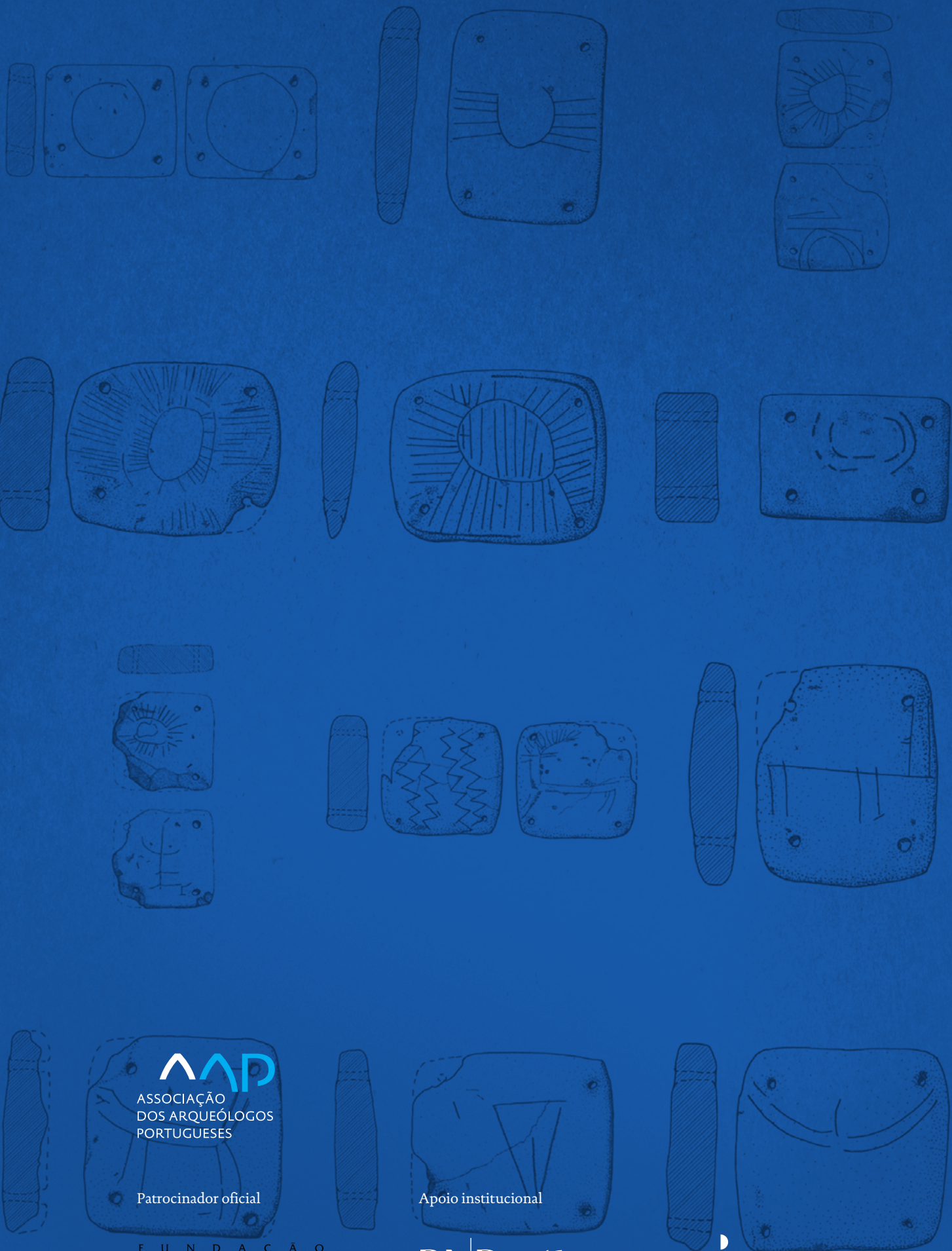


4



5

Figura 5 – 1 - O compartimento 5 com algumas das ânforas Dressel 20 *in situ*. 5.2 - Corpo de Dressel 20 *parva*, *in situ*, no compartimento 5; 5.3 - Corpo de Dressel 20, *in situ*, no compartimento 5; 5.4 - A Dressel 20 *parva* no interior da cetária do Compartimento 6; Restos ictiológicos do interior de uma ânfora Dressel 20 do compartimento 5.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDACÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua